

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
ESCREVER/FILMAR – ESCRITORES NO CINEMA  
EM COLABORAÇÃO COM A APE – ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES  
18 de maio de 2021**

**FLORBELA / 2012**

*Um filme de Vicente Alves do Ó*

*Realização e Argumento: Vicente Alves do Ó / Direção de Fotografia: Luís Branquinho / Montagem: João Braz / Produção: Pablo Iraola, Pandora da Cunha Teles, Ukbar Filmes / Direção de Produção: Diana Coelho / Som: Jaime Barros / Mistura de Som: Elsa Ferreira / Música: Guga Bernardo / Direcção de Arte: Silvia Grabowski / Guarda-roupa: Rosário Moreira / Interpretações: Dalila Carmo (Florbelá Espanca), Ivo Canelas (Apeles), Albano Jerónimo (Mário Lage), Anabela Teixeira (Júlia Alves), António Fonseca (João Espanca), Carmen Santos (Henriqueta), José Neves (António), Maria Ana Filipe (Adelaide), Marques de Arede (Sr. Lage), Rita Loureiro (Sophia D'Arriaga), Lauro António (Convidado) / Cópia: DCP, a cores, falado em português / Duração: 119 minutos / Estreia Mundial: 8 de março de 2012, no circuito comercial português / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão apresentada por Luís Machado e com a presença do realizador Vicente Alves do Ó.

A exibição do filme é antecedida pela leitura de alguns poemas de Florbelá Espanca por Dalila Carmo e Maria do Céu Guerra, com acompanhamento ao piano por Rui de Matos.

\*\*\*

“Eu fui na vida a irmã de um só Irmão, / E já não sou a irmã de ninguém mais!” Florbelá Espanca chorou assim, em soneto, a partida de seu irmão, Apeles Espanca. O filme de Vicente Alves do Ó estende, com sede de infinito, a dor da poetisa, indo para lá do sofrimento de se ser poeta e não conseguir escrever. **Florbelá**, êxito de bilheteira que não encontrou correspondência na receção da crítica, apanha a protagonista num momento de (in)decisões na sua vida (e também na vida do país, que se precipitava para o tumultuoso desfecho da Primeira República). Depois de sofrer o afastamento da família, por força de algumas vicissitudes, como o facto de não se conseguir fixar num casamento apenas (foram três ao todo), Florbelá sente-se cada vez mais dividida e desconfortável na sua própria pele.

A trabalhar a favor dessa inquietude está a impotência criativa, sendo que o chamamento da escrita surge aqui e ali, neste período da sua vida desenrolado entre Matosinhos (casa do marido, lugar onde tenta, sem grande efeito, ser a “fada do lar ideal”) e Lisboa (onde se reencontra com o irmão e o meio boémio, que anseia menos pelo regresso da mulher do que o da escritora). Entre as duas cidades, desenrola-se também uma disputa interna à personagem, como se houvesse uma cabeça a puxar para Matosinhos – o cuidado do lar matrimonial e a obrigação de ser a “mulher perfeita” – e um coração a puxar para Lisboa – para a liberdade boémia, na companhia do irmão, e para a escrita, lugar da sua realização por inteiro. E, claro, em pano de fundo, está sempre Vila Viçosa, terra que a viu nascer e onde mora seu pai, com quem não fala, o que constitui uma ferida aberta ao longo de toda esta história.

Não deixa de ser curioso que um filme biográfico sobre uma poetisa, popular no seu tempo e ainda mais depois da morte, tenha tão pouca poesia. Tal se justifica precisamente porque, nesse momento da sua vida, Florbelá, “Bela” para os amigos, não mais pretendia ser poetisa, procurando, assim, fazer as pazes com quem a rodeava, a começar por seu pai, ou com o que certa sociedade mais conservadora esperava dela. Florbelá, que não consegue ou não mais sabe escrever, começa a habituar-se à ideia de ser só mais uma mulher cuja ambição se cumpre no matrimónio, deixando definitivamente de parte a escrita, arte que associa a uma dor sem fim. Se há sacrifício na escrita, ou na impotência de pôr em

verbo o que tão intensamente sente, descobrirá que a provação não é menor na nova pele que assume, porque a luta consigo mesma e os sentimentos que nutre pelo atual marido, um médico chamado Mário Lage, e o seu querido irmão, o aviador “icárico” Apeles, também não lhe dão sossego, bem pelo contrário.

**Florbela** tira partido deste momento na vida da sua protagonista para produzir um melodrama tonitruante, que parece ir beber à tradição italiana, dos dramas populares de um Raffaello Matarazzo (cineasta hoje “de cinemateca”, mas incompreendido no seu tempo pela crítica, ainda que amado pelo povo) e almejando pela graciosidade e elegância dos filmes históricos de Luchino Visconti. Se os valores de produção são assinaláveis num contexto pouco favorável (o cinema português) à realização de um filme histórico, o valor do drama é elevado pelas interpretações abnegadas do triunvirato composto por Dalila Carmo (fácies *mignone* que apela ao drama à maneira dos rostos pequenos, de olhos grandes, de algumas estrelas do mudo, como Janet Gaynor ou Lillian Gish), Ivo Canelas (o aviador sofrido, com laivos de Montgomery Clift) e Albano Jerónimo (o homem “respeitável” e sereno, com porte e sobriedade *à la* Gregory Peck ou ao estilo de Joseph Cotten em **Under Capricorn** [1949], também este enredado na dor que devora a sua mulher por dentro). Não obstante a mão pesada na “transcrição” clássica, é indisfarçável a atração de Alves do Ó, homem do teatro e das letras, pela mitologia do grande cinema romântico europeu e americano.

O que mais seduz o realizador – disse-o em diferentes entrevistas – é “a emoção” que a poesia provoca, tendo decidido dedicar este primeiro tomo da sua “Trilogia dos Poetas” (depois de Florbela, seguiu-se Al Berto e, no futuro, projeta-se uma obra sobre Amadeo de Souza Cardoso) à mais popular das escritoras sentimentais do seu tempo. Se não há propriamente poesia no filme de Alves do Ó, temos instantes em que a fantasia toma conta da ação ou do muito livre esforço de reconstituição histórica e biográfica, fazendo-nos aceder a um qualquer mundo onírico, em que, por exemplo, o tempo volta para trás, algo que é literalizado num gesto, quando a protagonista inverte o sentido natural dos ponteiros de um relógio.

A nostalgia e o romantismo são os dois ingredientes principais deste filme, que vai paulatinamente assumindo o seu verdadeiro par romântico: Florbela nos braços de Apeles. Foi ao irmão que Florbela dedicou alguns dos seus poemas mais tristes. Com base nesta emoção, Alves do Ó enaltece o sofrimento da poetisa – quando escreve, quando não escreve, e se deixa dominar pelo “mal do mundo”, palavras da própria Florbela Espanca – através da história de um amor vagamente incestuoso, que, aqui, neste filme, não exclui a fantasia e a lenda. No final, assistimos à imagem da poetisa a escrever, projetando-se num futuro já só espiritual. O que escreve serve de receita para a trágica e última etapa da sua vida: palavras atravessadas pela dor mais irreparável, um luto que esta não soube – ou não quis – vencer. Como assinala um dos últimos cartões, sublinhando o romantismo quase sensacional deste filme, Florbela acabou por morrer de tristeza (esta palavra subsiste mesmo depois de quase todas as outras se apagarem à nossa frente). Estar vivo dói; morrer é um alívio. Como escreveu em «A Um Moribundo», “Que importa? Que te importa, ó moribundo? / – Seja o que for, será melhor que o mundo! / Tudo será melhor do que esta vida!...”

Luís Mendonça